

DIRECTOR e EDITOR:
DAVID BRAGA

Redacção e Administração:
Rua de D. João I, n.º 55

Composição e impressão:
«Minerva Ribeiro»
Rua de Gil Vicente, 34—Guimarães
Propriedade da Empresa «O Taralhão»



Taralhão

I ANO N.º 1

Quinzenário Humorístico e Literário

Guimarães, 24 de Agosto de 1924.

O Taralhão

Não foi uma ideia espontânea nem erecta momentaneamente por um capricho vão a de formar em Guimarães um jornal humorístico-literário, mas sim uma meditação duradoira que ininterruptamente nos aconselhou a formação do mesmo jornal, dando-nos esta simples conclusão:—moralidade! Descaasem, minhas meninas e meus meninos, que quem não fôr patarata jamais sofrerá as chufas deste jornal. Nós não queremos ofender alguém, mas com inaudita satisfação ridiculisaremos os ridiculos.

Apresentando a V. V. Ex.^{as}, senhores assinantes, o primeiro número deste quinzenário, só esperamos, e a justiça é ilimitada, que seja aceito com humor relativamente favorável, para que, no seu primeiro vôo, o vôo da meninez, não sofra o desalento que mais das vezes mata.

Aqui louvaremos as acções nobres assim como castigaremos as incorrecções com as piadas que abundarão constantemente. E assim será cumprida a nossa missão. Certos estamos de que não haverá nesta cidade quem desdenhe a assinatura deste jornal que baptizamos com o nome de «Taralhão», nome que reputamos acertado, na verdade! Taralhão é uma ave dentirostra, mas como figura significa — pessoas que mete o seu bedelho onde não é chamada; e por sinal que tem o «Taralhão» ou nós com o alheio?

Pergunta esta que julgamos indispensável para provar o valimento do mesmo!

A sociedade inepta, a sociedade corrompida e insolente precisa evidentemente de um padrinho. E eis aí o principal dogma. Depois, nem só a sociedade elegante (nas maneiras de trajar, cremos que exclusivamente) merece a atenção deste jornal. Há mais. E é para ê-ses, que poupamos hoje por ser o primeiro número, que mais além nos voltaremos obstinadamente. Senhoras e senhores, a apresentação está feita cremos que suficientemente para merecer a atenção de V. V. Ex.^{as}

E auxiliados pela constancia das assinaturas, nós poderemos prosseguir na árdua tarefa que encetamos resolutamente sem temor de X ou Y, dando vida que oxalá seja extensa e florida a este jornal que há-de ser simples e correcto nos seus actos.

Dórvante, pois, abstrairemos o bom do mal e vice-versa, com graça se possível fôr. E esperando as decisões de V. V. Ex.^{as}, continuaremos nos nossos trabalhos, crendo sempre termos cumprido uma obra humanitária se partirmos desta base, como diria Felício Barbe-la, que casara em quinquagésimas núpcias com D. Francisca Resposos: — *numa terra pequena um jornal humorístico é sempre a maior autoridade.*

A Administração.

Atenção

Pede-se a todos aqueles a quem enviamos este quinzenário, no-lo devolvam no caso de não quererem corresponder á assinatura que propomos.

NA BERLINDA

—E então, que me diz vocemecê a isto, snr.^a Bonifacia? Umas descaradas assim nunca os meus olhos viram! Eu não as julgava tam atrevidas. Olha o dianho das raparigas!

—Credo, snr.^a Francisquinha, que diabo está para aí a resmungar? Vocemecê perdoará por lhe falar co'esta franquidade, mas ainda não percebi aonde a senhora quiere achegar!

—Antão vocemecê não sabe que agora anda em moda as mulheres fazerem namoro aos homes casados? Que tem sido para aí uma pouca vergonha que Deus te livre, havendo muitas para irem para a berlinda, pois vocemecê bem sabe que eu não sou de arcas encoiradas, mas vou ver se isto entra nos eixos e acabam de uma vez para sempre estes escandalos.

—Pois sim, snr.^a Francisquinha. Vocemecê terá muita razão nisso que diz, mas eu cá é que estou na minha e desta ninguém me tira; pode vocemecê andar mal informada e estar-se a levantar falsos testemunhos...

—Boa vai ela! Isto é já publico e notório, e não é caso passado agora; já vai há uns tempos para cá, mas como estas safadonas não escarmentam, pois é um namoro rasgado que as desavergonhadas fazem aos homens, é a razão que hoje venho insistir com a snr.^a Bonifacia para que fique sabendo tudo, se é que ainda ignora. Antão não sabe que uma tal Rita, que ainda tem outro nome, mas para o caso não faz minga anomear, foi passar revista aos postos e na volta, olê!, apanhou poucas da esposa de um desses afortunados.

—Aí a safada! Faltava ainda mais esta. A gente sempre neste mundo onve cousas!... Mas vocemecê vai vêr, sr.^a Francisquinha, que aquelas almas danadas ainda hão-de meter a gente em mais trabalhos, pois senão se emendarem, terão-nos á perna e haverá muita surpresa, não me importando que depois digam que o que nos faz falar... é a raiva.

—Olhe, snr.^a Bonifacia, que as leve o demo.

—Diz bem, que as leve o demo.

Côca-bichinhos.

NO REINO DOS PATOS

Um homem ás direitas

Vou soltar a minha musa
Por essas terras além,
E quem sou, isso se escusa,
Pois que assim 'stá muito bem!

Em cavaqueira mui bela
Vou falar dum rapaz douto
A quem chamaram «Panelas»,
Mas que vem a ser o «Coutor».

Papou do caro na «Linha»
A' custa das «Nicolinas»,
E roubou uma galinha
Que ocultou sob batinas.

E, como quem não se rala
Com a vergonha mundana,
Bebem pingalos á «pala»,
Dizendo p'ra si: — ó Ana!.

Quando deitava o pregão
Duma carroça p'ra rua,
Lembrava-me um triste cão
Em invocações á lua.

E o pai, que de geografia
Foi sempre um homem treinado,
Clamava com alegria
Pelos grandes inspirado:

Vou beber mais um quartilho!
Hoje é dia de ramboia,
Para festejar meu filho
Que até dá cabo de Troia.

E o rapaz quiz ser abade /
Numa linda freguesia,
Mas afinal nem foi frade
Por sofrer muito de asia.

E depois de tal desfeita
Deu-lhe no goto p'ra as leis
E lá anda a b'roa afeita,
A' lambuça e aos pasteis.

Fuma cigarros de graça,
De graça toma café,
De graça canta na praça,
De graça toma rapé.

E' chupista e faroqueiro,
Propagador de balelas,
No que mostra, assim matreiro,
Ser da raça dos «Panelas».

Faço ponto, meus amigos,
Pronto, pronto e pronto, e pronto,
Não por não haver formigas
Para alongar este conto.

E tu, «Taralhão» querido,
Recebe um x coração
Deste teu 'scondido amigo
Desde a tua fundação.

Meistofeles.

Sem comentários.

TARALHANDO

O mãe-olh'ela passou a fadista.

O dito, para chamar a freguesia,
põe-se a tocar guitarra na sua can-
gica.

A mina do petroleo não dá pe-
troleo, dá gaz.

O Lêdecê passa as suas tardes
no Gasparinho.

Um certo ourives vai para os
bancos do jardim do Tonral beijar
sófregamente a sua querida.

O Marques Mendes, estando a
exibir-se no Café Avenida, no jogo
do dominó, foi festejado com asso-
brios e foguetório por parte da as-
sistencia.

As amantes dum senhor dantor,
que devia andar como os suínos,
mas que por obra do Divino anda
em pé, bateram-se mutuamente
como heroínas, no domingo passa-
do, na estação de Vizela.

O Zé da Guita já não joga a
dinheiro.

Consta-nos, e isto cá para nós
que ninguém nos ouve, que o Sil-
va, ourives, irmandad'iro do Cor-
dão e Chagas, tem sido insultado
nas ruas desta cidade, por querer
bulir com a sua mão peiuda naqui-
lo que não lhe pertence.

— Olha o bigorilhas!!!...

Consta-nos também, e isto ago-
ra no maior segredo por causa de
tretas, que vai haver na imprensa
local uma campanha que tem por
fim descobrir (não novos mares,
nem novas terras) as carecas luzi-
días daqueles que querem intro-
duzir as suas galactias na famosa
herança da Ordem de S. Francisco.

— Eh boi, arriba!!!...

A taboleta do Gervásio foi par-
tida á fígada por mão criminosa.

O nosso particular amigo, snr.
Tomás Rocha dos Santos, mandou
pedir-nos, muito em segredo, para
não darmos a notícia que rethrou
para a sua quinta de Sande.

Zé Povo.

Irrealizáveis

Que a careca do Zé Pinheiro já
tem cabelo.

Que o nosso director já anda
sem muletas.

Que o Cabanelas já não fuma
charutos.

Que em consequencia das ta-
bernas fecharem as 22 horas, desa-
pareceram os ébrios.

Que as fabricas cá do burgo,
em virtude do constante aumento
do preço dos géneros alimentícios,
vão funcionar sem chaminés.

Que os deputados pelo circulo
de Guimarães obtiveram um gran-
de successo... no dormitório de S.
Bento.

Que as gentis damas vimara-
nenses vão adquirir, a pronto pa-
gamento, um *vagon de panos secos*
a ver se desta feita não ficam para
tias.

Que os espanhoes estão alcan-
gando estupendas victorias sobre
os mouros.

Que o bacalhau está sofrendo
constantes baixas e que, por este
caminho, chega a pataco.

Que os elevadores para a Pe-
nha só trabalham aos domingos
em virtude do exagerado salário
que os empregados vencem.

Que o Duarte vai sofrer uma
oper ção aos seus Ex.^{mos} pés.

Que o menino Ferreira (um pa-
po seco todo triques), sendo cen-
surado constantemente pela sua
amada, resolveu trazer a boca fe-
chada.

Que o padre Alfredo vai repe-
tir a façanha da lampreia.

Que uma grande empresa, com-
posta das mais altas individualida-
des da nossa terra, vai estabelecer
a ligação por mar, de Guimarães a
Braga.

Que os funcionarios publicos
vão receber o coeficiente 15, pois
que os cofres do Estado abarro-
tam de dinheiro nas algibeiras...
dos outros.

Que os «bijoux» diminuiram no
preço e aumentaram... no tama-
nho.

Que o causador disto é o nosso
editor.

— O que é irrealizável.

OLEBER.

Uma anedota

Ah! — exclamava Anastácio Pin-
goleta, depois de ter relatado um
episódio emocionante ao seu amigo
Quim Costelas — a morte se aproxi-
mou do Zé Rabetas, mas não encon-
trou um homem. Era cadáver. Ha-
via morrido.

Pensamentos e ditos

Trocam-se cigarros por porcos.

Freitas.

Não quero o Pedro na sociedade.

Pereira.

Não me dou muito bem com aquela gente.

Patricio.

O Banco Nacional Ultramarino é um prédio muito agitado.

Sofia.

Os empregados do mesmo também são muito agitados.

Tomás.

Não, não! Eu não pretendo nenhum.

Sofia.

Entre em toda a parte, excepto no «Grand Complêt».

Lerdeira.

O materialismo é a chave da vida.

Karl.

Para se amar nas altas esferas é preciso começar nas baixas, com sopeiras.

Quintino.

Na monstruosa guerra pereceram milhares de cadáveres.

Mario Domingues.

No poupar é que está o ganho.

Bento dos Santos Costa.

Para casar depressa... um rapto?

Vicente.

Pois é claro.

Moreira.

A minha espada não atinge toda a gente.

Jordão.

Apesar de pouca vida... sei sempre tê-lo.

Taralhão.

E' ELA! Meigamente reclinada sobre o peitoril da janela, por vezes se vê embalada nos seus róseos sonhos de namorada. O seu cabelo castanho, caído em madeixas aneladas pelos lados daquele rosto airoso, meigo e por momentos pensativo, é a expressão genérica dum trabalho divino. O seu olhar de santa divaga sem cessar no mundo aurifugente das ilusões, acompanhado pela abertura ingénua dos lábios — num sorriso de crente.

Evidentemente, Armanda Pires, quando sorri, dá-nos o perfil mais suave e mais poético que pode imaginar-se, a ideia inviolável das fadas que surgiam em sonhos aos cavaleiros da Idade média.

E' bela, notavelmente bela aquela flôr do Minho, exalando viciosa o perfume odorífero das suas pétalas num êxtase que inebria e fascina. A sua formosura, de que a própria Venus se sentiria ciumenta, parece ofuscar o sol quando sob a sua ardência passeia a passos hesitantes nas coloridas avenidas do jardim da Vida. E se Febo, o deus Sol, num rasgo de inclemência visitasse a terra, ficaria deslumbrado ao contemplar a sua harmoniosa compleição e, apaixonado involuntariamente por tam estupenda visão, requesta-la hia até que as suas mãosinhas de neve se agitassem nervosamente sobre os degraus dum altar divino.

Nos seus pensamentos de criança, que se elevam voando para as nuvens ancestrais do amor, existe uma poesia palpitante, uma meditação tam filosófica que Pindaro cantaria com dificuldade no seu lirismo. E todavia o seu sorriso escasso e meigo, revela com clareza a falta de suberba, aquela modestia que exalta e notabilisa a quem mais se humilha.

Eis o retrato fiel daquela que teve a sorte de ir hoje em foco.

Jaques Belo.

DESCULPA, meu velho! Estas coisas são assim. O ser papo-sêco não é atenuante para deixar de vir no foco. Demais, os teus óculos postos em riste de combate são uma provocação. Já não falo nos polainitos do ano passado, nem na fumadeira da moda, nem no palhinha, nem nos colarinhos à bife, nem nas luvas de pelica ou camurça, nem nas botas de montar novas, nem nos sapatos de plumagem branca, nem nos charutos à marquês, nem na tua bazôfia á duque. Não, meu velho! E não sei se te recordas daquela noite de estrelas palpitantes e brisa perfumada em que tomavas gargarejos na rua de Santa Luzia evocando o nome de Estela (!) em presença da tua amada, essa ditosa rapariga que conseguiste arranjar com palavras inspiradas!!!

Oh! como és feliz neste bocado de terra que pisamos com indiferença! — Perdõe-me o leitor. Estava tam entusiasmado a falar a um rapaz que, pelo apelido, devia ter as orelhas ponteagudas, tam entusiasmado estava que nem me lembrava já do meu officio.

E' um peralta, um casquilho, um bajulador, um rapaz que manda pêso—como modernamente se diz—um papo-sêco, a expressão mais elevada da moda. E' simpático e *deita fuladura* com espirito, o que representa uma fortuna nesta época em que todos querem falar. Arrasta a aza e todo se encrespa quando vê passar qualquer mulher exótica.

Em poucas palavras se diz tudo: é um rapaz modelar!

Agora não te exaltes que é peor.
—Amen.

Não te rules.

Regosijamo-nos com as melhoras que está gosando o snr. Dr. Vieira Ramos, genro do Ex.^{mo} Snr. Dr. Joaquim José de Meira, illustre clinico desta cidade.

—Partem hoje para a Povia de Varzim alguns escoteiros, entre os quais se conta o snr. Avelino Dantas.

Assinatura do «Taralhão»
Trimestre... 1780
Número avulso... 730
(Pagamento adiantado)

!! PAGINA LITERÁRIA !!

Ao pôr do sol

A tarde declinava:
Já no céu o tom pálido nascia,
E já na terra a sombra se mostrava.
Nos sertanejos bosques, o silêncio!
Nos coloridos prados já fugia
Das boninas, perfume em harmonia,
Que entre as ervas então se derramava
E que a nossa alma triste adocicava.
No gigantesco pincaro do monte
A voz do mocho em pios declamava
Assustando o pastor que caminhava
Nos matagais olhando o horizonte,
Guiando mui sereno o seu rebanho
Com tal carinho, com amor tamanho
Que o bom Jesus, sorrindo, abençoava.
O dia terminava,
Quando entre as manchas rubras do infinito,
Um mar de rosas que sereno estava,
Lá no imenso poente auricolor,
Por detraz dos rochedos de granito,
Tam ostentosos como o vulpinito,
O sol, disco luzente se acoitava
Na noite breve que se aproximava.
Verdejantes campinas, já desertas!
Macedo campezino já deixava
A verde flora que se apresentava
Tristonha e inerte com fendas abertas
Soltando em vão suspiros pelo medo
Que surgissem fantasmas do fragedo
Por onde agora Apolo se infiltrava.
O silêncio reinava;
Já negras aves que batiam asas,
Na tarde calma que já terminava.
Em brinquedos pueris faziam eco!
E nas encostas só se viam casas
A emanar fumos que par'ciam gazas
Denegridas, que o céu acobertava
Com tal socêgo que nos assombrava.
Um silêncio profundo, quasi noite!
No campanário o sino repicava
Uma toada que nos embalava;
No constante bater daquele açoite,
Pelas Trindades só um movimento
Vinha depressa ao nosso pensamento
O que cutrôra Jesus por nós passava.
Enfim, tudo quedava:
Já da luz crepuscular
Que de surgir acabava
Se sentiam seus temores.
E do espaço se estrelar
E de apar'cer o luar
O sonhador anciava,
Até que enfim terminava
Essa tênue claridade
Que um adeus tristonho dava
Num êxtase que maguava
A própria opacidade.
Vinha o luar e as estrelas
Avivando formas belas
Sobre o pastor que sonhava.

PINDARO.

Desilusão

—Bendita sejas, luz da madrugada,
Clarão divino de fraqueza infinda,
E' nos teus braços que eu recordo ainda
Os olhos belos da mulher amada.

Sonho doirado desta mocidade,
—Nessa manhã florida que nasceu,
Recordação fatal, espinho meu,
Efêmeros momentos de saudade!...

—As lágrimas de dôr que peregrinam,
Pelo meu rosto que se amortecetu,
Sao pérolas que tremem e declinam.

Amôr, p'ra que enganaste quem te creu,
Vencido pelos beijos que terminam?...
O amôr só mente e já p'ra mim morreu!

PETRARCA.

Febre

Nas tuas faces, brancas como o arminho,
Engrinaldadas com madeixas fulvas,
Qual ave loira solta do seu ninho,
Qual diva augusta achada num caminho,
Vejo dois olhos que parecem uvas.

Quando te vi, o meu olhar quedou!...
Eras a imagem da flôr do jasmim,
E numa luta insana palpitou
Meu coração que simples te adorou
Desde que tu sorriste para mim.

Ao ver-te perpassar com rapidez
Ante os meus olhos que por ti se inflamam
Eu me absorvo na minha lividez,
Rendido pela minha timidez,
Enquanto os meus suspiros se derramam.

Oh! crença, crença desta juventude(!)
Oh! crença, crença dum amôr que mata(!)
Amôr, não mancharei tua virtude
Que coroa aurirósea a magnitude
Dessa candura que assim me arrebatava.

Sou simples caminheiro numa estrada,
Ardua de espinhos, de agulhões sangrentos.
E de entre o pó em ruvens uma tada
Foi para mim visão mais adorada
Que tenho conservado em pensamentos.

ABAILARD.